

Área: Ciências Humanas

Projeto: CIDADE MÉDIA E JUVENTUDES: PRÁTICAS SOCIAIS E PROJETOS DE VIDA DOS JOVENS DE JUIZ DE FORA

Autores: JULIANA APARECIDA CANTARINO TOLEDO (IV PIBIC A.F); CLARICE CASSAB TORRES (ORIENTADOR); KATIA OLIVEIRA FERREIRA; RAYSSA PINTO REZENDE; VIVIAN PIMENTEL ARAUJO;

Resumo:

O projeto teve como objetivo perceber como a configuração e organização espacial da cidade e as tensões e os conflitos que atravessam a disputa pelo seu uso interferem e definem as práticas e projetos de vida dos jovens. Dito de outra forma, através da identificação e compreensão de algumas das dinâmicas presentes em Juiz de Fora, que dão à cidade o caráter de cidade média, buscou-se o entendimento das diferentes práticas espaciais que os jovens estabelecem com e na cidade e como elas participam na construção de seus projetos de vida.

Para atingir os objetivos propostos a pesquisa partiu da elaboração de um quadro do perfil socioeconômico da cidade, buscando destacar os elementos que permitem dar a Juiz de Fora o caráter de cidade média. Assim, a primeira etapa da pesquisa foi a apropriação e entendimento dessa dimensão da cidade.

A segunda etapa consistirá no trabalho de campo junto aos jovens. O que se intentou foi identificar como a realidade da cidade participa e interfere na constituição dos projetos de vida desses jovens. Para isso foi fundamental chegar até aqueles que tanto estão inseridos no mundo do trabalho como aqueles que estão em período final de preparação. Para tanto foram pesquisados jovens em dois ambientes: a universidade (tanto pública como privada) e o EJA. A escolha por jovens que estejam inseridos em ambientes educacionais se justifica na medida em que se acredita que seu processo de formação e qualificação está diretamente ligado a busca de realização de seus projetos de vida.

Foi este o primeiro corte definidor do grupo de jovens pesquisados. Além desse, também foram consideradas as características de gênero, cor, renda, local de moradia, situação familiar e outras que julgadas relevantes no processo de pesquisa. Isso porque, entende a juventude categoria sócio-histórica, percebendo-a na sua heterogeneidade, pois existem diferentes grupos juvenis que têm suas experiências influenciadas pelos espaços, tempos e contextos em que estão inseridos.

O desenvolvimento da pesquisa possibilitou a descoberta de que embora os jovens estejam submetidos a certas normas, restrições e mecanismos de desigualdades e distinções que são comuns à realidade de cidades grandes e metrópoles, alguns outros elementos aparecem como particulares e próprios à dinâmica de cidade média e pólo regional. Foi, portanto, com o intuito de identificar e desvendar essas particularidades próprias da relação dos jovens com a cidade média que o presente projeto se constrói.

É pela capacidade de criar fluidez que a cidade média torna-se local de confluência dos variados circuitos produtivos, dando a ela uma vida de relações intensas. É pela intensidade desses fluxos e interações que seria possível medir o grau de inserção da cidade na vida urbana regional, nacional e mesmo global (ARROYO, 2004).

Ao longo da pesquisa foi revelado que este caráter de intermediação participa na conformação das formas de uso e apropriação que alguns jovens tem/fazem da cidade. Seja determinando sua permanência ou não na cidade, seja influenciando seus projetos de vida ou ainda contribuindo nas imagens que possuem de sua cidade.

Notou-se que os jovens provenientes de cidades menores procuraram Juiz de Fora em busca de melhor oportunidade de estudo. Reconhecem a oferta desse serviço na cidade e a inexistência do mesmo em suas cidades de origem. Um dos jovens afirmava: “É, na verdade não é o que Juiz de Fora tem, é o que Matias não tem, Matias não tem muita oportunidade de emprego e também não tem ensino superior entendeu, então se você quiser tem que vir pra Juiz de Fora, ou então pra outra cidade de fora mesmo”. Além da busca pelos serviços ligados a educação outro elemento que contribui para a vinda desses jovens foi a maior oportunidade cultural da cidade de JF quando comparada as de origem.

A vinda desses jovens para Juiz de Fora foi, em muitos casos, acompanhada pelo imaginário da cidade grande, cheia de oportunidades de emprego, lazer e cultura. Vindos de cidades menores, muitos deles ainda mais novos do que hoje estão, esses jovens construíram uma imagem de Juiz de Fora a partir do lugar de onde vieram. Na comparação, JF parecia oferecer as alegrias e os benefícios de qualquer outra grande cidade. Os jovens diziam: “Eu acho que a imagem que eu tinha, era uma imagem de uma menina, tipo eu tinha 17 anos né, a era cidade nova, você independente (...)”. Completa outro jovem, “Eu tinha uma imagem de que ela era uma cidade muito maior do que parece ser, na verdade não é tão grande assim”.

Na fala dos jovens dois elementos se completam. A comparação com sua cidade de origem e a redefinição da imagem dada as suas vivências e experiências com a nova cidade, atravessada pelo amadurecimento do próprio jovem.

Mas se é verdade que para a grande maioria dos jovens entrevistados JF aparece inicialmente como uma cidade cheia de oportunidades, fato que justificou a migração da família,

também é certo, que muitos desses jovens reconhecem os limites que a cidade tem a realização de seus projetos de vida. Sua trajetória, suas escolhas e as oportunidades que aparecem ou são construídas se direcionam para a realização de seu projeto de vida sustentado em sua qualificação e prática profissional, que lhe possibilitariam sair da cidade.

A cidade, compreendida como criação da civilização, nascida da história, envolve uma multiplicidade de formas de apropriação e uso e só teria sentido e existência a partir do e pelo sujeito. Por essa razão,

a cidade em sua pluralidade e multiplicidade revela o destino do homem. Nessa perspectiva é antes vida, ação, construída sobre a dialética entre produção/apropriação/reprodução. (...) Nessa direção o sentido da cidade é conferido pelo uso, isto é, os modos de apropriação do ser humano para a produção de sua vida (e o que isso implica) (CARLOS, 2001:41).

É apenas quando pensamos a cidade como espaço público que podemos pensá-la como elemento constituinte das formas de vida, das práticas e dos projetos dos jovens. Ela é o lugar onde a co-presença possibilita o convívio de diferentes segmentos com diferentes expectativas, interesses e projetos, orientando suas práticas e comportamentos. Mas é também lugar do conflito pois é onde os problemas se manifestam, ganham forma e são resolvidos.

É neste sentido que se torna central compreender as formas de produção, configuração e organização do espaço da cidade média – lugar onde os jovens pesquisados se encontram. Isso porque os passos dos jovens na e pela cidade, os lugares para onde vão e para onde não vão, os motivos de suas escolhas, seus caminhos e seus percursos, suas formas de uso da cidade são, em alguma medida, influenciados pela maneira pela qual a própria cidade é produzida e organizada.

CARLOS, Ana Fani. **Espaço-tempo na metrópole**: a fragmentação da vida cotidiana. São Paulo: Contexto, 2001.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. Técnica e tempo, razão e emoção. Editora Hucitec, São Paulo, 1996.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. O Brasil: território e sociedade no início do século XXI. 3ª. ed. São Paulo: Record, 2001.

